

Música e Extravasamento: festa como perspectiva, juventudes e heavy metal em Juiz de Fora-MG

Luana Seixas^a
Elizabeth Pissolato^b

Neste artigo apresentamos parte de uma pesquisa antropológica que vem se desenvolvendo no contexto de uma festa anual de rock que acontece na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. De início, buscamos nos aproximar do gênero musical que tem um lugar marcante no Festival de Bandas Novas de Juiz de Fora, e do vínculo que liga grande número de jovens a este gênero musical ou estilo (de vida) que é o *Heavy Metal*. A seguir nos voltamos para a questão da intensidade na música, focalizando a experiência do *mosh* enquanto extravasamento, seguindo os comentários de participantes destas rodas. Perspectivas teóricas contemporâneas sobre a festa como produtora de vida para além ou aquém do social nos auxiliarão no exercício analítico que pretendemos.

Música em Juiz de Fora (MG); Heavy metal; Antropologia da juventude; Antropologia das emoções; Antropologia da festa.

Juiz de Fora, juventude e rock

A cidade de Juiz de Fora (MG), em sua proximidade com o Rio de Janeiro e com outros centros de produção artístico-cultural no país, e pela concentração de jovens vindos de diferentes cidades da região e de outras regiões em busca da vida universitária, nunca esteve ausente

a Bacharela em Ciências Sociais pela UFJF. E-mail: luana.seixas@hotmail.com.

b Antropóloga, docente do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF. E-mail: epissolato@terra.com.br.

da cena do rock no Brasil. Pelo contrário, conforme veremos na breve apresentação a seguir, foi palco de importantes momentos da história do rock nas últimas décadas. Recebeu personagens importantes do cenário nacional e estimulou uma produção independente bastante significativa entre jovens da cidade e redondezas, o que se liga particularmente ao festival que é objeto do estudo aqui apresentado, o Festival de Bandas Novas.

O Festival de Bandas Novas é um festival anual que reúne dezenas de bandas independentes em apresentações que se dão em dois palcos, com participação assídua de um público, em grande maioria, jovem. Adolescentes e jovens de vários bairros deslocam-se para o centro da cidade nas dez noites que compõem atualmente o festival, aglomerando-se ora em frente ao palco montado numa praça popular da cidade, a Praça da Estação; ora no interior e no entorno do Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, espaço administrado pela Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, contíguo à Praça Antônio Carlos. Quando realizado em palco aberto, o acesso é livre; já no Centro Cultural, o ingresso dá-se sob o recolhimento de alimentos para doação ou mediante a compra de ingressos a preços populares.

Esse grande evento festivo é fruto de uma história que recuperaremos tomando por base principalmente o relato que consta no site do próprio festival (Festival de Bandas Novas 2014)¹.

O Festival de Bandas Novas surgiu em continuidade às festas de rock que aconteciam na cidade desde a década de 1980, quando o movimento punk ganhava força no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. A primeira delas teria acontecido em 1983, o '1º Rock Juiz de Fora', com grandes nomes do cenário nacional e bandas independentes, algumas delas *punks*. Neste mesmo ano, surgiu a banda juizforana *Patrulha66*, que viria a ter um papel importante na organização de eventos de rock na cidade, incluindo o próprio Bandas Novas. O período seria marcado por projetos, ensaios, festas, shows realizados em um espaço universitário no centro da cidade, a sede do Diretório Central dos Estudantes, aberto então a tais iniciativas. A

criação musical, a formação de novas bandas, a organização de eventos e o surgimento de programas de rádio AM e FM para a divulgação dos trabalhos independentes incrementariam a cena musical na cidade.

Nos anos 1990, a Fundação Alfredo Ferreira Lage, responsável pelas atividades culturais da Prefeitura de Juiz de Fora, em parceria com a banda *Patrulha 66*, assumiria a organização de festas como o 'Rock de Natal' e o 'Rock na Praça', oferecendo, em seguida, um parque da cidade, o Parque da Lajinha, para a realização dos festivais.

O chamado 'Rock na Lajinha' ocorria duas ou três vezes por ano e contava com mais de dez bandas, adotando o modelo de ingresso por doações destinadas a instituições filantrópicas. Com o apoio da lei municipal de incentivo à cultura, a Lei Murilo Mendes, e através do selo fonográfico independente 'Patrulha Records', foi lançada neste período a primeira coletânea de bandas de Juiz de Fora, contendo onze grupos de diferentes estilos do cenário alternativo local.

A presença nas rádios se deu principalmente através de um programa criado em 1991 na Rádio Cidade, o 'Cidade Alternativa', que ia ao ar aos domingos, com entrevistas e divulgação de bandas locais e suas músicas. O programa se manteve até 1997, quando surgiu a 'Rádio Róqui', uma emissora experimental com o objetivo de divulgar 24 horas por dia o *rock and roll* e as bandas locais, projeto que teve êxito junto à população, e que durou até 2009.

É como desdobramento desta história que surgiria, em 1999, o 'Festival de Bandas Novas' de Juiz de Fora, com apoio da Prefeitura Municipal, e sucedendo o mencionado 'Rock na Lajinha' cuja última edição se deu em 1998.

De início, o Festival era competitivo, com premiações em gravação para as bandas vencedoras. Em sua primeira edição em 1999, 42 bandas, que se apresentaram em diferentes palcos montados na cidade, disputaram o prêmio, que consistia no apoio para a gravação de duas músicas em estúdio e um '*book* fotográfico'. Conforme o site do Bandas Novas, o público estimado pela Polícia Militar foi de 10.000 pessoas, e foram recolhidas seis toneladas de alimentos para doação,

sendo gravado um CD 'demo' ao vivo na final do festival (Festival de Bandas Novas 2014).

Ao longo da década de 2000, a participação aumentou e o Festival ampliou-se, aceitando inscrições de bandas de outros estados além de Minas. Passou a ser organizado parcialmente em praças de grande circulação no centro da cidade, mantendo, por outro lado, a arrecadação de alimentos e outros itens para doação especialmente quando os shows acontecem no interior do teatro do Centro Cultural Bernardo Mascarenhas.

Uma mudança importante por que passou o Festival foi a perda de seu caráter anterior de concurso de bandas. A última edição competitiva ocorreu em 2012. O Festival de 2013 foi uma versão comemorativa, com participação de trinta bandas convidadas entre as que estiveram presentes na história do evento. Atualmente o Bandas Novas seleciona algumas dezenas de bandas a partir de inscrições feitas no site do Festival, e conta, também, com a participação de bandas convidadas.

Do ponto de vista de seus organizadores, a mudança mencionada teria proporcionado mais qualidade ao Festival (Festival de Bandas Novas 2014), o que nem sempre é reconhecido pelo público. Alguns participantes costumeiros do Festival acreditam que ela acarretou certa perda de energia ²:

Acho que o festival de bandas novas de um tempo pra cá, talvez uns cinco anos (...) ou mais perdeu um pouco da essência. Quando começou, era realmente um concurso onde bandas que estavam começando e tinham chance de mostrar um trabalho, e até mesmo que não tinham tanto recurso pra gravar um CD, conseguiriam um, ou apenas umas faixas em um CD do evento. De alguma forma dava um gás nas bandas, e isso claramente era passado pra galera, essa vontade de quem está começando e ainda tem aquela esperança de virar uma superbanda e fazer um puta sucesso (participante do Bandas Novas, 22 anos, técnica em Enfermagem).

Eu acho que o Bandas é o maior evento de rock da cidade porque revelou muitas bandas boas, bandas que já tocaram até no exterior

e tudo mais e não pode acabar (...). O único mal do Festival de Bandas é ter acabado a questão da competição em si, que foi até 2007 ou 2008, não sei ao certo, e que as bandas entravam no palco com ‘sangue nos olhos’ podemos dizer assim, porque tinha que tocar duas músicas próprias e uma cover, e era a cover que mandava, a cover sempre é que vai mandar, mas tiveram bandas que tiveram músicas próprias ótimas como a *Hard Desire*, a *Glitter Magic* dentre outras. (Participante do Bandas Novas, 29 anos, jornalista)

Para além destas impressões e possíveis transformações nas maneiras de produzir música de forma independente adotadas por jovens muitas vezes ansiosos por mostrar e compartilhar os seus feitos³, o Bandas Novas é certamente uma grande festa das juventudes em Juiz de Fora que se liga à prática de tocar e ouvir rock ou alguns estilos de rock, como veremos.

A afirmação acima nos remete a ambigüidades e dilemas em torno da categoria ‘juventude’ nas ciências sociais. Não nos debruçaremos sobre tais questões neste texto, mas tomamos como ponto de partida o reconhecimento da diversidade de experiências da juventude, ou seja, a heterogeneidade revestida sob a categoria ‘juventude’, que torna mais adequado, nos parece, o uso do termo no plural. Por outro lado, reconhecemos, também, que nesta diversidade implicada no ‘ser jovem’, a música ou as práticas musicais assumem papel crucial nas sociedades contemporâneas. Como observa Margarete Arroyo: “Se a música é a parceira de destaque nessa fase da vida, então convém saber como ela participa das inúmeras possibilidades de ser jovem e de viver a juventude nas sociedades contemporâneas” (2013:17). É desta perspectiva, da interação entre jovens e música como dimensão chave da experiência de juventudes na contemporaneidade, que interessamos aproximarmo-nos do Festival de Bandas Novas, dos gostos e das práticas dos jovens que dele participam.

Do ponto de vista dos promotores do Festival, este tem sido valorizado como política cultural e de lazer voltada para os jovens na cidade, incluindo práticas solidárias. No site do evento, ele é anunciado, após

16 edições, como “manifestação legítima da cultura jovem local [e] patrimônio cultural de Juiz de Fora” (Festival de Bandas Novas 2014).

Da perspectiva desta pesquisa, interessa-nos considerar o Festival principalmente como prática (musical) importante na constituição de experiências juvenis. Na verdade, o envolvimento continuado de músicos e fãs que acompanham já há algum tempo o Festival, colocaria questões à própria definição – geracional – da categoria ‘juventude’. Deixando, como foi dito anteriormente, o debate conceitual sobre esta categoria para uma outra oportunidade, nosso foco neste texto é principalmente a experiência no Festival tal qual vivida por jovens que normalmente começam a curtir estes estilos musicais na adolescência, e que desejam fortemente se juntar para ouvir e tocar o som de sua preferência, e ainda para ‘extravasar na música’, conforme eles próprios dizem.

Quanto aos estilos musicais participantes do Festival, notamos, seja através da observação em campo, ou acompanhando a história do Festival, uma tendência à presença do que poderíamos chamar, numa primeira definição, de ‘rock pesado’. Conforme o site do evento, em 2012 o Festival recebeu 136 inscrições, sendo 93 selecionadas e 35 recusadas, por se tratar de “bandas de estilo pop (gênero musical não contemplado [aquele ano] no Festival)”. Já na edição de 2014, 218 bandas se inscreveram através do site, sendo que 76 bandas ‘pop’ foram excluídas (Festival de Bandas Novas 2014).

A presença que queremos destacar no Bandas Novas é aquela do *Heavy Metal* ou do *Metal*, como também é conhecido. Podemos dizer que o *Heavy Metal* esteve presente em toda a trajetória do festival. No início, pela participação do estilo *Punk*, adotado pela banda a que pertencem os organizadores do evento, a citada *Patrulha 66*. Atualmente, em todos os subgêneros encontrados no festival.

É em torno da adesão de muitos adolescentes e jovens ao *Metal* e sua experiência festiva no Bandas Novas de Juiz de Fora que pretendemos concentrar nosso olhar adiante.

Heavy Metal como cultura juvenil

O *Heavy Metal* pode ser definido como “mundo artístico” (Becker 1982) ou “cultura juvenil” (Pais 1993) que se constitui em torno do gênero musical assim chamado, ganhando expressão nos meios urbanos. Seus adeptos têm a música como um interesse central em suas vidas, muitas vezes ocupando simultaneamente a posição de fãs e músicos, e em diversos casos se envolvem na produção de shows e divulgação de músicas e bandas que fazem parte deste universo musical.

Sobre as convenções artísticas que distinguem a música *Heavy Metal*, diz Leite Lopes:

“(...) o conjunto padrão de *Heavy Metal* apresenta em sua formação bateria, guitarra, por vezes em número de duas ou até três, baixo, vocal, e menos freqüentemente teclado. As noções centrais e convenções artísticas distintivas da música *Heavy Metal* são o peso, o alto volume do som, a distorção de guitarras e vozes, a emotividade intensa dos vocais, a rapidez podendo ser seguida de pausas solenes, o virtuosismo, principalmente em intrincados solos de guitarra, a bateria mais rápida e com mais peças que as de outros gêneros, com a utilização característica dos dois bumbos ou do pedal duplo reproduzindo o mesmo efeito em um único bumbo” (Leite Lopes 2013:03).

Em sua origem na Inglaterra e nos Estados Unidos da década de 1970, o *Heavy Metal* associava-se a classes operárias e áreas em processo de crise e desemprego, o que transparecia nas temáticas sociais e políticas, e também nos motivos apocalípticos presentes nas letras (Leite Lopes 2006: 04). Este cenário se transformaria radicalmente em algumas décadas, com a adesão ao gênero de jovens e adolescentes de camadas médias e com a difusão do *Heavy Metal* no nível global.

No Brasil, estudos antropológicos sobre o *Heavy Metal* no Rio de Janeiro (Leite Lopes 2006) e em Brasília (Oliveira Jr. 2011) demonstraram que a entrada do gênero no país se deu através de classes médias urbanas, vinculando-se particularmente a um certo estilo ou perfil de adolescente/jovem no interior destas classes. Com o tempo se difundiria entre jovens de camadas populares ou de camadas médias

limítrofes com estas e ganharia a adesão de negros e mulheres, antes bastante ausentes no universo do *Metal*. Citando Oliveira Junior:

“Leite Lopes (2006) explica que uma parcela significativa dos fãs e músicos de *Heavy Metal* do Rio de Janeiro possui nível de educação formal elevado, segundo grau completo, superior e pós-graduação; e que uma importante via de entrada do gênero na vida dos jovens é a prática do RPG (role playing games) e a literatura fantasiosa de J. R. R. Tolkien e congêneres. Vejo o mesmo ocorrer em Brasília e acredito que, sem dúvida, esse é um fator essencial para a identificação de uma parcela de jovens de classes médias urbanas e de elevado grau de estudos a um gênero inicialmente operário e de áreas em processo de crises e desindustrialização. Com o decorrer do tempo, o predomínio desse tipo específico de *headbanger* [modo de designação dos adeptos de *Heavy Metal*, com referência à movimentação forte de cabeças dita *headbanging* – “bater cabeça” ou banguear - durante os shows] foi sendo atenuado. Ao longo dos anos 1990 e 2000 houve um aumento considerável no público feminino – principalmente nos subgêneros gótico, melódico e hard rock – e do público negro. Todos passam a ter mais representatividade tanto como fãs, quanto como músicos. O advento da tecnologia e da popularização da internet no Brasil também democratizou o acesso ao *Heavy Metal*, tornando o seu consumo cada vez mais viável para classes de poder aquisitivo mais baixo. Hoje em dia, o público do *Heavy Metal* está cada vez mais amplo, com número crescente de adeptos ao estilo, e não há mais como associá-los a uma classe social específica” (Oliveira Junior 2011:22-23).

Em Juiz de Fora, particularmente no Festival de Bandas Novas, essa mesma diversidade de pertencas pode ser percebida entre os fãs do *Metal*. A facilidade de circulação e acesso ao som das bandas internacionais, principalmente através da internet, tornou o gênero familiar a muitos jovens de camadas populares. Além da internet, a proximidade com o Rio de Janeiro, dando acesso a shows, favoreceu a difusão do *Heavy Metal* na cidade. Desde sua primeira edição em 1985, com a presença de bandas como *Queen*, *Iron Maiden* e *Whitesnake*, o Rock in Rio tem feito parte da experiência musical de muitos jovens juizforanos que ‘descem’ para a cidade do rock, a duas horas da cidade mineira.

Mas, se não cabe associar, nos dias atuais, o *Heavy Metal* a uma classe social específica, como observado acima, por outro lado, há também contextos exclusivistas entre os amantes do *Metal*. Ao que parece, duas tendências podem ser observadas neste mundo artístico. De um lado, a constante subdivisão em subgêneros a partir do meta gênero *Metal*, instaurando-se em certos contextos inclusive rivalidades, com acusações dirigidas por certos subgêneros a outros como ‘comerciais’ ou ‘falsos’. E, de outro lado, uma tendência à colaboração ou parceria entre músicos de diversos subgêneros, havendo, também, fãs que apreciam vários estilos⁴. Em Juiz de Fora observamos ambas as tendências.

O Festival de Bandas Novas é o evento mais amplo e acessível de reunião daqueles que curtem tocar e ouvir *Heavy Metal*. Mas outros contextos *Heavy Metal* também compõem a cena local. Assim como a banda *Patrulha 66*, em parceria com a Prefeitura Municipal, está à frente da organização do Bandas Novas, outras bandas organizam shows para o público *metal* da cidade e muitas vezes se unem para fazer uma noite *cover* de bandas famosas em casas de shows e bares. Bares como o Cultural Bar, Black Gold Bar, Galpão Lounge, Bar Cai&Pira e o Bar da Fábrica sempre cedem espaço para o gênero e o público não deixa de comparecer. Dentre as bandas estão a *Hard Desire*, *Glitter Magic*, *Tuka´s Band* e a *Crusher*.

Os músicos da cidade fazem parcerias e criam novos projetos como o *Acoustic n’Roll*, banda composta por membros de diferentes bandas de rock locais que, além de contar com bateria, baixo e vocal, incorporou três violões, uma viola e instrumentos de percussão para interpretar alguns clássicos do rock em bares que não suportam maiores volumes.

As bandas do *Black Metal* e do *Death Metal*, por sua vez, organizam shows exclusivos, os quais são realizados uma vez ao ano em um evento chamado *Metal Hordes*. As bandas destes estilos não tocam no Festival de Bandas Novas e escolhem uma casa noturna da cidade como sede do evento.

Festa na praça: uma breve etnografia

Entre os meses de junho e outubro, duas praças no Centro de Juiz de Fora, a Praça da Estação e a Praça Antônio Carlos, tornam-se, a cada ano, o palco de adolescentes e jovens que curtem música *Heavy Metal* durante dez sábados. São jovens de diferentes idades e pertencças que se deslocam de diversos bairros, boa parte utilizando ônibus ou fazendo o percurso a pé.

Desde as três horas da tarde, podemos ver a circulação de adolescentes e jovens reunidos em pequenos grupos ou à espera de amigos nas imediações do palco montado ao ar livre na Praça da Estação ou nas proximidades do Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, neste caso ocupando canteiros ou recantos da Praça Antônio Carlos, contígua ao Centro Cultural. Os jovens dividem frequentemente o espaço destas praças com transeuntes que fazem o percurso entre diversos bairros e o centro, e também com outros usuários das praças, como moradores de rua e grupos que se reúnem ali para fazer proselitismo religioso.

O público do *Metal* vai se juntando aos poucos. Ganha visibilidade na praça, com suas vestes e adereços em preto, cintos com detalhes metálicos, camisas estampando o nome ou imagens de bandas favoritas, cabelos compridos em abundância e acessórios contendo símbolos religiosos que passaram a compor a estética do *Metal*⁵. De um lado, temos a impressão de uma mistura de juventudes, que se junta ali em torno do gosto musical ou de uma cultura juvenil que tomou forma em torno da música *Heavy Metal*, sem levar em conta diferenças de experiências vividas noutros contextos, como a escola, o bairro, a família. De outro lado, as diferenças têm lugar na produção de distinções internas ao mundo do *Metal*, ou seja, enquanto subgêneros do *Heavy Metal*, manifestando-se na adesão ao som, mas também em usos no vestuário, em adereços e gestos.

São diversos os estilos ou subgêneros que reconhecemos no Festival: *Punk*, *Hardcore*, *Rock'n' Roll*, *Progressive Rock* (conhecido como Pro-

gressivo), *Hard Rock*, *Folk Metal*, *Metal Extremo*, *Grindcore* e *Glam Metal*. Podemos observar as adesões aos subgêneros principalmente nas camisas usadas pelos fãs de bandas de todos os estilos. Mas há, também, especificidades marcadas no vestuário, como o uso de estampas de onça e zebra para os adeptos do *Glam Metal*, ou da camisa xadrez para os que se identificam com o *Grunge*.

A produção estética mereceria uma descrição detalhada, que não faremos, contudo, aqui. Neste momento inicial da pesquisa, chamou-nos a atenção principalmente aspectos de uma sociabilidade *Heavy Metal*, se assim podemos chamá-la; aspectos que parecem marcar justamente a confluência de interesses ou de experiências dos jovens que ali se reúnem.

Os shows têm início às 16:00h, e por volta das 18:30h a aglomeração é grande, o público já concentrado em frente ao palco, numa atitude de acolhida calorosa das bandas que se apresentam em sequência. O tom amigável e, ao mesmo tempo, entusiasmado e enérgico envolve fãs e músicos, e alguns gestos e maneiras corporais que se universalizaram no mundo do *Heavy Metal* estão todo o tempo presentes no Festival. O cumprimento que é chamado ‘mão metal’ ou ‘mão com chifres’, quando se ergue o dedo indicador e o dedo mindinho, encolhendo-se os demais dedos da mão, para simbolizar chifres, é um deles⁶. A forma de curtir o som ‘batendo cabeça’, isto é, movimentando vigorosamente a cabeça no ritmo da música que está sendo tocada no palco, movimento que ganha um toque especial quando o *headbanger* tem cabelos compridos que acompanham o banger, é outro.

A interação entre o público e cada banda que vai ao palco nos chama a atenção. Relações de amizade também marcam presença. Ver a banda de amigos em sua primeira apresentação ou prestigiá-la sempre que toca é uma prática comum. Da mesma forma, cantar as letras das músicas que estão sendo tocadas junto com o/a vocalista da banda.

Quanto mais curtos os intervalos entre uma e outra banda no palco, mais o público mantém o clima da festa. Intervenções de animadores do Festival não são apreciadas, preferindo-se que os intervalos

entre as apresentações sejam preenchidos com gravações de bandas locais, nacionais ou internacionais. Nestes períodos, notamos a intenção, por parte dos organizadores, de manter um tom eclético no evento, fazendo tocar músicas dos diversos estilos.

Há sempre movimentação dos fãs pelas praças e alguns bares em suas imediações. Quando o Festival acontece no teatro do Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, em palco fechado, o consumo de bebidas, comida ou cigarro obriga o público a saídas freqüentes do espaço. Muitos jovens acabam permanecendo por longo tempo na praça, de onde se ouve, em volume satisfatório, o som das bandas. É possível, assim, acompanhar a sequência das apresentações e entrar no teatro nos momentos em que vão tocar as bandas de maior interesse. De toda maneira, a Praça Antônio Carlos permanece repleta de fãs do *Metal* ao longo de todo o período do show, até a meia noite ou 1h da manhã.

O gosto pelo *Heavy Metal* é o que leva toda essa gente ali. Mas o clima de festa se estende também a alguma distância dos palcos, no encontro entre jovens de diferentes bairros que se conhecem, descobrem afinidades em torno de uma banda, atualizam-se em diversas matérias, como shows em outras cidades, novas músicas etc. Esta sociabilidade em torno do *Heavy Metal* ganha visibilidade em rodas de conversa perto das vans que vendem bebidas na praça ou nas bacarras em que se pode comprar o único item alimentício disponível, o cachorro quente. O tom aqui é bastante amigável, e as conversas, amenas.

Para muitos, contudo, esta ‘conversa’ se inicia bem antes, no que poderíamos chamar de uma sociabilidade virtual. Ou seja, boa parte das trocas entre os adeptos do *Heavy Metal* acontece na internet, tanto para o acesso dos fãs ao som das bandas de sua preferência ou outras que venham a conhecer por recomendação de amigos que curtem *Metal*, quanto para os preparativos e combinações para a ida a shows, como no caso do Festival de Bandas Novas. É também na internet que são partilhados os registros e impressões dos shows nos dias subsequentes a eles.

Mas voltemos à festa e nos aproximemos de seu clímax. Podemos dizer que não há um momento único para o qual toda a energia convergiria a certa altura da festa. O clímax parece ser experimentado em diferentes momentos de grande intensidade emocional que se ligam imediatamente à música e à performance das bandas no palco. A velocidade na execução dos instrumentos, principalmente em certos subgêneros do *Metal*, o peso das guitarras, a agressividade nos vocais são desencadeadores importantes do clima enérgico e contagiante desses momentos. Parece que músicos e público ficam em estreita sintonia aí, e vem a vontade e experimenta-se o que muitos participantes do Festival definem como um ‘extravasar’ na música.

Nestes momentos a velocidade toma também os corpos, que se agitam em pulos, socos no ar, numa movimentação vigorosa que se mostra como uma espécie de catarse agressiva onde não há propriamente alvo a ser atingido. É como se a música desencadeasse quase que imediatamente essa movimentação violenta – se cabe uma tal definição, impelindo as pessoas a formar as chamadas rodas de *mosh*.

Ainda que nem todos os fãs entrem efetivamente nestas rodas (meninas, a propósito, participam em número muito menor que rapazes), nossa impressão é que no *mosh* estariam condensados os principais elementos da *festa do Metal* tal qual acontece no Festival de Bandas Novas. Festa pode ser um modo de definir o evento em sua estrutura, mas o que queremos priorizar é a *festa* enquanto dimensão criativa ou produtora de vida, conforme trataremos adiante. Neste sentido, seria justamente o que extrapola ou escapa à análise de símbolos. Noutras palavras, para além da abordagem de símbolos e seus significados no universo do *Metal*, interessa-nos uma aproximação dos sentidos vividos, das emoções experimentadas com o som, no corpo, durante os shows, isto é, na intensidade da interação entre jovens e música aí.

Música e intensidade no *mosh*

Alguns trabalhos antropológicos sobre o *Heavy Metal* observaram como a relação de fãs com este gênero musical ou estilo de vida é

assumida em termos afetivos. É o ‘amor pelo *Metal*’, que se expressa também como desejo de ‘viver do *Metal*’, que surge nas declarações de alguns personagens centrais na cena *Heavy Metal* de cidades como Brasília e Rio de Janeiro (Leite Lopes 2006 & Oliveira Junior 2011).

Esse vínculo afetivo parece estar ligado ao fato das fronteiras entre fã, produtor e músico estarem frequentemente borradas nos contextos *Heavy Metal*, aspecto que se revela, por exemplo, em eventos em que é possível reconhecer uma “platéia de músicos” (Leite Lopes 2006:14 *apud* Oliveira Junior 2011:19-20).

Tais formas de envolvimento particulares ao mundo artístico do *Heavy Metal* mereceriam um investimento de descrição etnográfica e exercícios comparativos com outros contextos artísticos musicais poderiam ser produtivos. Mas é para uma dimensão particular desta interação entre fãs (ou fãs-músicos) e a música, que se volta principalmente nosso interesse neste artigo. Isto é, para uma dimensão emocional presente na festa *Heavy Metal*, e particularmente no Festival de Bandas Novas, que conecta música, corpo e intensidade. Para isso, passamos a uma abordagem das performances conhecidas como *mosh* ou *mosh pits*, já referidas acima.

O *mosh* possivelmente tem sua origem nas rodas punks, tal como a que ficou conhecida como a primeira e que teria ocorrido em um show da banda *Sex Pistols* na Inglaterra (Oliveira Junior 2011:41).

Como já observado anteriormente, as rodas de *mosh* se abrem nos shows de *Heavy Metal* quando a música ganha rapidez na velocidade dos instrumentos e agressividade no vocal. Nestes momentos, como diz Pedro Leite Lopes, “os participantes se chocam uns aos outros, mas sem brigarem” (Leite Lopes 2013:04). Cantando junto com a banda que se apresenta naquele momento e investindo energia ao mesmo tempo em que se sujeitam aos choques e empurrões, os participantes do *mosh* experimentam um clímax que é frequentemente descrito como ‘extravasamento’ (ver a seguir).

Guilherme Stoner define o *mosh* como uma expressão corporal sem direções específicas em seus movimentos. “[Quanto maiores fo-

rem] a velocidade e a vivacidade da música, maior será o entusiasmo dos participantes no *mosh* (...) provocando uma vontade incontável de se movimentar” (2014:18).

O autor classifica o *mosh* em cinco categorias: *mosh pit*, *circle pit*, *crowd surfing*, *rowding surfing* e o *stagedive*. No Festival de Bandas Novas o *mosh pit* é chamado de roda de *mosh* e é o mais comum. Nele os participantes abrem uma roda no meio do espaço do evento e começam a colidir uns com os outros através de “chutes no ar e ombradas” (como descreve Stoner 2014:18), os braços erguidos na direção do tórax com o objetivo de protegê-lo e à cabeça. O *circle pit* também ocorre, embora em menor frequência. Nesta modalidade, os participantes correm em círculos em direção anti-horária, em um determinado momento parando de correr e se encaminhando até o centro da roda, onde dão início ao *mosh pit*. Outras performances, normalmente presentes em shows de massa, como o *crowd surfing* ou o *rowding surfing*, em que se ‘surfa’ sobre o mar de pessoas, não acontecem no Festival.

Para Stuckey (2006:29), o *mosh* é um ritual que distingue os bons concertos, a música aparecendo como principal desencadeadora deste comportamento. Ou seja, o *mosh* ocorre, na visão do autor, como reação propriamente à música, que provoca sentimentos de euforia.

Ao conversar com frequentadores das rodas de *mosh* no Festival de Bandas Novas de Juiz de Fora⁷, nos deparamos com o uso constante do verbo ‘extravasar’ no comentário sobre o desejo de participação nas rodas. Observamos, também, uma preocupação, por parte de vários pesquisados, em chamar a atenção para aspectos da sociabilidade do *Heavy Metal* valorizados positivamente, frequentemente contrastados com estigmas dirigidos ao estilo por não adeptos.

Nossa análise irá se concentrar primeiramente nos aspectos da sociabilidade ressaltados pelos pesquisados, para, em seguida, buscar uma aproximação dos sentidos de extravasamento enquanto experiência na música, quando tomaremos “a festa como perspectiva” (Perez 2012) para fazê-lo.

Quanto ao primeiro enfoque, destacamos a ênfase dada por participantes à presença de ‘regras’ no *mosh* e ao caráter de ‘solidariedade’ que se manifestaria em momentos em que a segurança pessoal de qualquer pessoa na roda esteja ameaçada. Ao falarem de suas impressões sobre o *mosh*, participantes do Festival que entram ou não nestas rodas apontam frequentemente o caráter não violento da prática, que, como observam, aparece muitas vezes como ‘violência’ aos olhos de quem não é do *Metal*. Como observou Leite Lopes, o mundo artístico do *Metal*,

“apesar da sua importância em termos de quantidade de produção e de público, em nível mundial, sem quase nenhuma divulgação nos meios de comunicação de maior vulto (...) é alvo de preconceito e rejeição, sendo um dos mundos artísticos tabus mais acusados, desprezados e estereotipados por não fãs (jornalistas, clero e religiosos das mais diversas vertentes, advogados, psiquiatras, professores etc)” (Leite Lopes 2013:02).

Sendo o *Heavy Metal* estereotipado e desprezado por vários setores sociais tanto nos grandes centros urbanos como o Rio de Janeiro, onde o autor realiza sua pesquisa, quanto em cidades de menor porte, como Juiz de Fora, não parece surpreendente que, ainda que não se tenha feito qualquer referência direta a ‘violência’, ao solicitar impressões sobre as rodas de *mosh*, o tema ganhe destaque. Um professor de inglês de 26 anos que frequenta o Festival comenta:

Para quem olha de fora, fica a impressão da violência gratuita muitas vezes, mas quem vê de perto percebe como os participantes sempre procuram erguer os que caem e retirar os que se machucam, independente de terem ido juntos ao festival ou serem completos desconhecidos (grifo nosso).

Nossa observação reitera esta afirmação. O *mosh* pode ocasionar acidentes, mas todas as vezes que os vimos acontecer no evento, estes foram solucionados com apertos de mãos e pedidos de desculpas. Até o momento não presenciamos tumultos ou brigas diretamente ligados ao *mosh*. Em vez disso, percebemos entre os jovens com quem

conversamos a ideia de que as rodas de *mosh* expressam ‘solidariedade’ entre eles.

A propósito, observamos em diversas rodas de *mosh* no Bandas Novas tanto mobilizações para socorro a praticantes que se machucam com os movimentos desordenados, como o uso de advertências àqueles cujas maneiras sejam interpretadas como risco para os demais. Nos comentários que registramos, existem reclamações quanto a praticantes que “entram na roda de má fé”, cujos socos e chutes acabam por acertar os demais. Nestes casos, é possível que o *mosh* seja mesmo interrompido, a pessoa sendo advertida para que tenha cuidado.

Ainda que a definição de ‘regras’ no *mosh* não seja consensual, é interessante notar como alguns dos participantes são capazes de listá-las, como nos foi feito:

*Bem, nunca me disseram sobre regras, mas eu tento seguir algumas e a maioria dos meus conhecidos também tenta seguir: 1- Eu nunca direciono qualquer golpe no rosto, partes acima do peito das pessoas e principalmente partes íntimas. 2- Se você acertar alguém no rosto ou coisa parecida machucando-o na hora tente ajudar ou se desculpar no mínimo. Deixar pra lá só faz o atingido querer se vingar, e isso sempre gera briga. 3- Evite os grandões, gordões e bombados que estejam muito agitados. 4- Se alguém esta no *mosh*, independente do sexo, escolheu estar lá. 5- Nunca banco o carateca ou o lutador, dando chutes altos ou voadoras. 6- Se alguém cai, sempre tentamos ajudar a levantar o mais rápido possível. 7- Não use nada além de mãos e pés pra acertar as pessoas (estudante de Artes e Design, 26 anos).*

Regras que se desdobram de negociações na prática e que parecem assumir, contudo, validade geral naquele contexto, seu cumprimento sendo exigido por quem quer que ali esteja e em prol da segurança possivelmente de um ‘completo desconhecido’, é o que nos chama a atenção nos comentários dos participantes e suas práticas no *mosh*.

Se, para um observador externo, a percepção desta confusão de pessoas pode ser interpretada como catarse coletiva completamente desordenada, estes depoimentos e as intervenções que vemos em certos momentos nas rodas chamam a atenção para uma ética que

se deve manter, simultaneamente à liberdade de movimentos que se quer experimentar no *mosh*. Lúcia Andrada, analisando o *mosh* em Belo Horizonte, faz um levantamento de regras ou requisitos necessários para a participação nas rodas que nos deixam ver como liberdade, proteção de si e dos outros são valores importantes aí. Reproduzimos aqui algumas delas:

“(...) Álcool e drogas podem fazer parte do *mosh*, mas excessos devem ser evitados, pois o mínimo de consciência é exigido para que você possa participar de um *mosh*. Bêbados acabam se machucando e machucando os outros;

Se porventura alguém cair no meio de uma roda, é dever das pessoas mais próximas ajudarem a levantar quem caiu, fazendo uma barreira em volta da pessoa e a protegendo dos golpes do *mosh* até que ela se levante sozinha ou com a ajuda de alguém;

Há uma negociação [sobre] o uso da violência [utilizada] entre os participantes em um *mosh*. Negligenciar essa negociação pode acarretar em violar o bem-estar do *mosh* e das pessoas (...)” (Lúcia Andrada 2013:43).

É interessante notar que, se alguns participantes ou estudiosos do *mosh* são capazes de definir, e mesmo detalhar, regras de participação nas rodas, o que parece interessante é o caráter de definição na prática – conforme dito acima, de “negociação (...) da violência em um *mosh*” (isto é, a cada vez que se entra numa destas rodas) –, negociação que pode também ser expressa pela relação entre liberdade individual de movimentos e excitação coletiva compartilhada ouvindo música *Heavy Metal* ou algumas delas em especial. É esse caráter não determinado da sociabilidade que negocia na prática *regras* e o controle sobre limites aceitáveis de *liberdade* que nos chama a atenção, particularmente quando pensamos que esta forma se atualiza em shows que aglomeram centenas de jovens, de diferentes origens sociais e experiências de vida, muitas vezes desconhecidos entre si, mas dispostos ao corpo a corpo enérgico e arriscado do *mosh*. Um jogo de arriscar-se e confiar, que vemos não só nas rodas, mas, por exemplo, na prática do *stage dive*, quando alguém se joga do palco em direção ao público para rolar

sobre os braços dos que lhe sustentam e lhe dão movimento. Uma aventura individual de bravura de quem entra na roda para misturar-se ao aglomerado caótico de gente e movimentos tão rápidos que não permitem que se distinga sexo, idade, raça ou classe.

Festa, música, experiência

A música é um combustível para o *mosh*.

Você sente a música e só quer conseguir extravasar de alguma maneira.

(...) participar do *mosh* em si é um sinônimo de sei lá... Liberdade? Extravasar sua emoção, sua adrenalina no momento do show.

Quando entro no *mosh* sinto que ‘fudeu tudo agora’, vou tentando, mas não dá para ter controle de nada. Quando eu tô de fora eu dou muita risada, é massa ver a galera se divertindo.

Mosh, eu me sinto bem apesar de nos últimos anos eu não entrar muito (...). Meio ariscado, mas é muito bom! (...) mesmo você dançando a porrada e levando a porrada, mas que seja pra não machucar em si, entendeu? E é isso cara, extravasar... Despejar adrenalina naquela banda, no que a banda tá te passando no momento, igual quando a *Deadly Sins* toca fazendo *cover* de *Arch Enemy*, ou o *Kymera* com as suas músicas superpesadas, trazem uma energia violenta. É bem bacana (...). Se você tiver tocando, sei lá, um *Led Zeppelin* não vai rolar um *mosh*, mas se tiver tocando *Painkiller* do *Judas*, um *Iron Maiden* vai com certeza abrir a roda e o pau vai quebrar. *Sepultura*, *Arch Enemy*, logicamente que a música em si instiga a brincadeira, vamos dizer assim, a pancadaria porque é um som mais pesado, mais agitado. Parece que afeta o neurônio da molecada, abre-se a roda e o pau quebra de vez mesmo. É muito bacana... .

Comparando o tempo [em que eu] participava com os *moshs* atuais, vejo que antes era mais agressivo, forte e instigador. Obviamente há exceções nessa comparação, mas vejo o *mosh* atual mais performático e menos violento. Creio que o principal fator que me moveu para participar do *mosh* foi uma necessidade de extravasar todos os sentimentos opressivos que cada pessoa está sujeita no dia a dia. O ódio é o que move o *mosh*, o ódio que a música transmite (...). É mais do que uma simples “dança de metaleiro” ou uma performance, é uma forma de expressão e explosão de todo o ódio que cada um sente (...).

Diversão, extravasamento, energia violenta. Tudo isto nos leva às abordagens sobre festa. E no sentido em que Léa Perez propõe, tomando a expressão de Jean Duvignaud (1997) de que “a festa é muito mais do que a festa” (Perez 2012:15). Pois, como diz Perez, “não é tão somente um evento delimitado no tempo e no espaço, mas tempo/espaço (efêmero e transitório) de exuberância e de explosão de vida” (Perez, 2012:15). Mais que um contexto ou fato social, seria uma perspectiva, uma possibilidade de pensarmos o que é ou *como se faz o social*.

Durkheim (1989) já nos teria apontado que a produção de vínculos sociais estaria baseada antes em sentimentos e emoções do que em interesses racionais, reconhecendo a festa como agrupamento massivo produtor de exaltação, de *efervescência*. Simmel nos chamaria a atenção para a forma lúdica de sociação, onde é o “sucesso do momento sociável” que está em questão, ou, “quando muito, da lembrança dele” (1983:169). É principalmente este caráter *extraordinário* e *extra temporal*, isto é, fora do tempo social ordenador da vida coletiva, que define a festa. Nas palavras de Perez,

“(…) a festa instaura e constitui um outro mundo, uma outra forma de experienciar a vida social, marcada pelo lúdico, pela exaltação dos sentidos e das emoções – com um forte acento hedonista e agonístico –, e mesmo, em grande medida, pelo não-social. (...) ela é fundamentalmente transgressora e instauradora de uma forma de sociação na qual o acento é dado pelo estar-junto, pelo fato mesmo da relação” (Perez 2002:19).

Na festa do *Metal* a experiência de *estar-junto*, e em momentos de forte exaltação, como nas rodas de *mosh*, instauraria esta forma lúdica de sociação de que nos fala Simmel, o que se mostra tanto no plano das ‘regras’ negociadas ali mesmo – conforme o comentário anterior –, quanto da explosão de energia (‘violenta’) que os participantes querem ‘extravasar’.

A nosso ver, não cabe buscar noutros aspectos do que poderíamos chamar de uma cultura do *Metal* os sentidos do que se vive ali,

no calor dos shows e das rodas. Aqui a ‘festa como perspectiva’ nos permite uma aproximação dos significados destas práticas que ‘confundem’ centenas de jovens curtindo o som do *Metal*. É a “densidade afetual do instante efêmero [da festa], vivido como gozo e como dissipação” (Perez 2012:30) que se atualiza no ‘sentimento da música’ de que nos falam os participantes. E, também e certamente, nos movimentos intensos dos corpos postos nessa relação caótica de proximidade e velocidade.

‘Extravasar’ parece compreender tanto uma liberação individual quanto uma forma societal produtora de vida, isto é, quando pensamos em sociedade ou cultura enquanto virtualidades e dinâmicas, e não em fatos ou funções.

“Ao colocar ‘o homem face a face com um mundo sem estrutura e sem código’, que é o mundo das ‘relações humanas não instituídas, onde a fusão das consciências e das afetividades substituem todo código e toda estrutura’ (Duvignaud 1984:57, 59), (...) a festa [liberaria] as individualidades para a experimentação e para o investimento na interioridade porque as confronta com o desejo, acionando essa parte da nossa vida aberta ao que ainda não é e ‘sem a qual nossas sociedades não seriam senão colméias ou formigueiros’ (Duvignaud, 1984:10). O que a festa transgride, no sentido de ir além, é o próprio fato social, atingindo o societal, fazendo emergir o individual do coletivo, o afetual do contratual, a socialidade da sociabilidade, fazendo aflorar as emoções, os sentimentos não domesticados” (Perez 2012:35-36).

Duvignaud nos chama a atenção para essas duas facetas da experiência festiva. De um lado, libera o indivíduo ao desejo; de outro, abre espaço para a dimensão da virtualidade do social, conforme acima. Colocando em ação o excesso e a transgressão, liberando a energia violenta que o som do *Metal* traz à pele, a pessoa “descobre, por um breve instante, que tudo torna-se possível” (Duvignaud 1983:9). Ou, como afirma Perez, inventa-se “outras relações do homem com o mundo, sobretudo outras relações consigo próprio, outras formas de ligar (...)” (Perez 2012:40).

Mais que um contexto de diversão entre amigos, a experiência festiva nos shows do Festival de Bandas Novas, e particularmente o envolvimento nas rodas de *mosh*, nos leva à dimensão produtiva do ato, para além do símbolo. O que parece acontecer nesta movimentação enérgica que confunde corpos não seria compreensível, a nosso ver, através de uma análise visando decifrar símbolos culturais ou através de uma abordagem do extravasamento como crítica à sociedade e suas regulações ou padrões. Ainda que estes sejam aspectos a se considerar, há algo mais que nos desafia.

Como nos aproximarmos desta experiência de adolescentes e jovens que amam o *Metal* e o que mais querem na vida é se juntar para ouvi-lo, batendo cabeça e liberando o corpo e as emoções no ritmo veloz dos instrumentos? Como diria Lea Perez (2012: 41), não através de objetos e significados, mas de vida e significante; isto é, vida enquanto “origem não representável da representação” (Derrida 1971 *apud* Perez 2012:41). Noutras palavras, ainda seguindo a autora, as experiências destes jovens não nos demandariam interpretação, mas apreensão.

Esta perspectiva nos aproxima do que DeNora (2000 *apud* Arroyo 2013:9-10) considera ao falar da “força semiótica da música”, que não estaria limitada ao “significativo” ou “comunicativo”. Como diz a autora, “... [esta força] implica em muitas dimensões do agenciamento social [articulando] sentimento, percepção, cognição e consciência, identidade, energia, incorporação [...]” (DeNora 2000 *apud* Arroyo 2013:9-10).

A dimensão da *festa* nos permite uma primeira aproximação do momento criativo do social. Mas estamos apenas iniciando a busca de instrumentos que nos permitam apreensões destas dimensões da experiência vivida entre jovens e deles com música.

Notas

¹ No site é possível acompanhar as mudanças que foram ocorrendo ao longo dos anos no Festival de Bandas Novas, tanto no número de bandas quanto nas datas e locais do evento. Estão disponíveis fotos, vídeos, cartazes, informações sobre as premiações, bem como a lista de bandas participantes de cada edição do festival.

² Além de pesquisa documental e bibliográfica, o presente trabalho inclui uma pesquisa de campo que envolve a participação no Festival de Bandas Novas, por uma das autoras deste texto, Luana Seixas, desde 2007, e que inicia-se como projeto de pesquisa de Bacharelado em Ciências Sociais efetivamente em 2014. A pesquisa de campo tem se realizado a partir da interlocução com realizadores, músicos e com o público, tanto durante os eventos quanto em conversas mantidas pela internet. Optamos neste texto por omitir os nomes dos colaboradores na pesquisa, mantendo a informação de sua idade e ocupação.

³ É possível que a mudança de perfil do Festival tenha implicações no comportamento dos jovens músicos que querem achar um meio de se fazer ouvir e ganhar reconhecimento. Um participante que frequenta o Festival desde 2004 entende que a competição, além de ser “muito mais interessante para o público [que também marcava presença para prestigiar bandas de amigos, o serial] logicamente para as bandas porque assim dá vontade de criar” (28 anos, estudante de Jornalismo).

⁴ Para uma genealogia dos subgêneros do *Heavy Metal*, veja-se os documentários de Sam Dunn: *Metal: A Headbanger's Journey* (2005) e *Global Metal* (2008).

⁵ Conforme analisa Pedro Leite Lopes, “com diferentes significados atribuídos pelo mundo artístico do *metal*, diferentes dos que comumente encarnam nas religiões em que são usados”, ou seja, a partir de uma “operação de conversão de símbolos religiosos em convenções artísticas” (Leite Lopes 2013:02).

⁶ A mão com chifres origina-se em um gesto religioso usado na Sicília, o *malocchio*, para espantar mau olhado, que Ronnie James Dio, segundo vocalista da banda *Black Sabbath*, teria aprendido com sua avó, trazendo-o para o universo do *Heavy Metal*, onde assume novo significado (Leite Lopes 2013:04-05).

⁷ As conversas a respeito do *mosh*, impressões e sentidos sobre participar nessas rodas aconteceram, até agora, principalmente através da internet, com o uso de perguntas abertas e a solicitação de comentários livres. Como foi observado no texto, a sociabilidade virtual parece ser parte constitutiva da experiência de jovens que curtem *Heavy Metal*, e nossa pesquisa tem se valido da disposição, por parte de adolescentes e jovens conhecidos durante os shows, para a comunicação através da internet, que em princípio parecem considerar mais fácil e confortável. Nossa expectativa é a de utilizar, de modo complementar, no decorrer da pesquisa, ‘encontros’ na internet e presenciais, além da observação participante nos shows.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. 1994. *Cenas Juvenis – punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Editora Scritta.

- ANDRADA, Lúcia Vulcano de. 2013. *'We Who Are Not As Others': análise de noções da violência no mosh a partir do Heavy Metal*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG.
- ARROYO, Margarete. 2013. "Apresentação" e "Jovens e músicas como tema investigativo". In ARROYO, Margarete (ed.): *Jovens e Músicas: um guia bibliográfico*, pp. 8-38. São Paulo: UNESP
- BECKER, Howard. 1982. *Art Worlds*. Berkeley: University of California Press.
- CAMPOY, Leonardo. 2005. *'Treas Sobre a Luz': um sentido cultural do Heavy metal*. Trabalho de Conclusão de Curso. Monografia de Graduação. Curitiba: UFPR.
- CHACON, Paulo. 1982. *O Que é Rock*. São Paulo: Brasiliense.
- DENORA, T. 2000. *Music in Everyday Life*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DURKHEIM, Émile. 1989. *As Formas Elementares de Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Ed. Paulinas.
- DUVIGNAUD, Jean. 1983. *Festas e Civilizações*. Fortaleza: Edições da UFC; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- DUVIGNAUD, Jean. 1997. *El Sacrificio Inutil*. México: Fondo de Cultura Económica.
- FESTIVAL DE BANDAS NOVAS. 2014 (<http://www.festivaldebandasnovas.com.br>; acesso em 10/07/2014).
- JACQUES, Tatiana de Alencar. 2007. *Comunidade Rock e Bandas Independentes de Florianópolis*. Monografia de Graduação. Florianópolis: UESC.
- JANOTTI JR, Jeder. 2003. *Aumenta Que Isso aí é Rock and Roll: mídia, gênero musical e identidade*. Rio de Janeiro: E-papers.
- LEITE LOPES, Pedro Alvim. 2006. *Heavy Metal no Rio de Janeiro e Dessacralização de Símbolos Sagrados: a música do demônio na cidade de São Sebastião das Terras de Vera Cruz*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Museu Nacional - UFRJ.
- _____. 2013. *Heavy Metal e Dessacralização de Símbolos Religiosos no 'Hell de Janeiro'*. Trabalho Apresentado ao I Congresso Internacional de Estudos do Rock (http://www.congressodorock.com.br/evento/anais/2013/artigos/4/artigo_simposio_3_476_pedroleitelopes@hotmail.com; acesso em 22/05/2015).
- OLIVEIRA JÚNIOR, Marcos Vinicius de. 2011. *Do Underground ao Mainstream: uma etnografia do Heavy Metal em Brasília*. Monografia de Graduação. Brasília: UnB.
- PAIS, José M. 1993. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- PEREZ, Léa Freitas. 2002. "Antropologias das Efervescências Coletivas". In PAS-SOS, Mauro (ed.): *A Festa na Vida: significados e imagens*, pp. 15-58. Petrópolis: Vozes.
- PEREZ, Léa Freitas. 2012. "Festa para Além da Festa". In PEREZ, L., AMARAL, L. & MESQUITA, W. (eds.): *Festa como Perspectiva e em Perspectiva*, pp. 21-42. Rio de Janeiro: Garamond.

- SIMMEL, Georg. 1983. "Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal". In MORAIS FILHO, Evaristo (ed.): *Georg Simmel: Sociologia*. Coletânea, pp. 165-181. São Paulo: Ática.
- STONER, Guilherme. 2014. *O Mosh e suas Celebrações: algumas interpretações e significados das expressões corporais nos shows de Heavy Metal na cidade de São Paulo*. Monografia de Graduação. Guarulhos: UFSP.
- STUCKEY, Leigh. 2006. "Each for all and all for each: the mosh pit as ritual". (<http://twp.duke.edu//uploads/assets/Stuckey.pdf>; acesso em: 20/04/ 2015).
- TAVARES, Fátima & CAMURÇA, Marcelo. 2009. "Juventudes e Religião no Brasil: uma revisão bibliográfica". In PEREZ, L., TAVARES, F. & CAMURÇA, M. (eds.): *Ser Jovem em Minas Gerais: religião, cultura e política*, pp. 21-47. Belo Horizonte: Argumento.

Filmografia

- Global Metal*. 2008. Produção de Sam Dunn e Scot McFadyen. Canadá: Banger Production. 1 DVD (93 min.): DVD, NTSC, son, color.
- Heavy Metal: Louder Than Life*. 2005. Produção de Dick Carruthers e Jim Parsons. USA: First Look FilmS. 1 DVD (235 min.): DVD, NTSC, son, color. Legendado. Port.
- Metal: A Headbanger Journey*. 2005. Produção de Sam Dunn, Scot McFadyen e Jessica Joy Wise. São Paulo: Warner Home Video / Europa Filmes. 1 DVD (96 min.): DVD, PAL-M, son, color. Legendado. Port.

Abstract: This article draws on anthropological research conducted in the context of an annual rock music festival that takes place in the city of Juiz de Fora, Minas Gerais. We begin by discussing the musical genre, which plays a special role in the famous city's New Band Festival, as well as aspects that link large numbers of young people to the musical genre or life style known as *heavy metal*. We then turn to the question of intensity in music, focusing on the experience of *moshing* as extravasation, by looking at comments from participants of these *mosh* circles (or "mosh pits"). This analysis draws on contemporary theoretical perspectives regarding the idea of the party (*festa*) as the producer of life beyond or below of social reality.

Keywords: Music in Juiz de Fora (Minas Gerais); Heavy metal; Anthropology of Youth; Anthropology of Emotions; Anthropology of Festivals.

Recebido em maio de 2015.
Aprovado em novembro de 2015.